

Doutor Bandeira

“Os estudantes não queriam mais Bispos na Reitoria”

Dr. Bandeira de Melo foi reitor de 64 a 72. Foi dos primeiros professores da Paulista de Direito e até hoje está na PUC. Aqui relata as 2 vezes que a Universidade foi ocupada pelos estudantes, as lutas pela autonomia universitária, a urgência de se ter um Reitor que não fosse Bispo e os obstáculos contra “Morte e Vida Severina”.

COMEÇO DO DIREITO

Em 1946, a única faculdade de Direito de relevo era a São Francisco, que hoje integra a USP e é a mais tradicional do Brasil. Dom Motta, figura inconfundível, quis formar um corpo docente entre os estudiosos da ciência jurídica, com gente jovem. Uma comissão se formou para escolher dos professores, formada pelo Montoro, o Galvão de Souza, Alexandre Correia, Mário Mazagão e Honório Monteiro. Fui o primeiro a ser convidado e escolhi a cadeira de Direito Civil, que leciono até hoje. Substituí vários professores de modo que a 1ª turma de Direito foi minha aluna em 3 séries. O “doutoral” é o assento que os professores ocupam nas solenidades, em ordem de antiguidade na escola: comecei como o 5º e hoje sou o 2º, logo depois do Montoro porque os outros se aposentaram ou faleceram.

“O Matarazzo queria que a PUC mantivesse professores italianos com altos salários”

A PUC foi muito bem recebida, especialmente pelos católicos. Ela equiparou a São Francisco e até a superou, sendo considerada como faculdade-modelo do Brasil. Isto causou aborrecimento tal nos alunos da S.Fco. que eles arrancaram as placas da rua Monte Alegre que indicavam a Fac. Paulista. O Tribunal de Justiça é testemunha de queixas contra pretensão protecionismo a advogados da PUC para o cargo de desembargador.

A PUC É OCUPADA

Em 1964 Dom Carlos escolheu-me para vice-reitor, em substituição a Dom Antônio Maria (então reitor) e o vice, Pe. Ramon Ortiz, que pediram licença. Tinha havido uma desinteligência entre o secretário Mons. Vitor e o diretor da escola de Serviço Social masculina, culminando no despejo daquela escola da campus Monte Alegre. Os alunos fizeram greve e tomaram a escola pela 1ª vez (houve outra em 68). Mons. Vitor não tinha habilidade no trato com professores e alunos. Dom Motta convidou Montoro para mediador que declinou por ser político e me indicou. Relutei mas acabei aceitando. A Faculdade estava tomada pelos estudantes

da Serv. Social, Direito e S. Bento. Lá fora estava o corpo da guarda, militares, agentes, delegados, querendo arrombar. Conversei com 2 delegados que foram meus alunos e pedi que esperassem meus entendimentos. O Pe. Enzo tinha livre entrada e fui lá dentro com ele. Os estudantes queriam realmente um reitor leigo porque os Bispos não tinham tempo para exercer a Reitoria: se Dom Motta concordasse, eles sairiam em paz. Voltei a Dom Motta, que aceitou a condição. Contudo, os estudantes queriam saber quem seria. Novamente com Dom Motta que me disse o nome do novo Reitor: “é o senhor”, disse-me ele.

REITOR LEIGO, AFINAL

Eu não queria aceitar de jeito nenhum pois a Univ. estava cheia de problemas, com dívida, sem pagar professores, obras inacabadas. Acabei sendo convencido porque em ocasião anterior defendera perante Dom Motta a necessidade de um Reitor leigo. Impus 2 condições, que foram aceitas: primeiro, que cumpriria o mandato nos 9 meses que restavam e que qualquer assunto entre Dom Motta e a Univ. seria conduzido por meu intermédio. Caso contrário eu renunciaria. Eu já renunciara no Cons. Universitário quando Dom Motta decidira à revelia que a Fac. Economia seria onde hoje é o Palácio Bandeirantes, prédio este do Francisco Matarazzo. Dom Motta me tranquilizou dizendo que Matarazzo queria vender o imóvel ao Governo e indenizaria a PUC com títulos de suas indústrias. Ainda bem, porque seria péssimo negócio para a PUC; o Matarazzo queria que a PUC mantivesse professores italianos com altos salários (ela que pagava mal os profs. brasileiros...) Acabei convencendo Matarazzo que a indenização seria em dinheiro. Com essa quantia as obras foram terminadas e determinei grande economia a ponto de não ter uma sala para a Reitoria nem automóvel para meu uso particular. O ano de 64 terminou com pequeno superávit.

AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

A PUC pleiteou aumento de subvenção oficial mas o governo foi sempre relutante conosco porque o Reitor não era ligado à situação política nem antes nem depois de 64. Entendia que um desembargador não podia tomar posições políticas. (Montoro, na nova fase do PDC, me ofereceu a presidência do Partido, convidou-me para candidatar-me a senador e não aceitei.)

Eu me opus, quando desembargadores e professores de Direito apoiaram a Revolução de 64. Esta quis mesmo intervir na nomeação de professores ou era contrária a outros. Eu sempre resisti. Tive felicidade nestas questões porque o general do 2º Exército era ligado a um ex-aluno meu, que se dava comigo. Minha intervenção impediu que prendessem a Madre Cristina do Sedes e pedi também à Ir. Leda, que conheço desde menina, que acalmasse a Me. Cristina. Ape-nas não me neguei a fornecer currículos de

professores, mesmo porque ameaçavam intervir e teriam a documentação do mesmo jeito. Alguns delegados do Dops foram meus alunos e assim era mais fácil. O Ministro da Educação também quis intervir não dando verbas: eram muito módicos conosco.

“Ai dos moços que não são de esquerda: o de direita é um desastre.”

Quando terminou meu mandato de 9 meses Dom Motta disse que me entendesse com Dom Rossi, o novo arcebispo. Convidado, compareci ao Conselho Superior da Fundação São Paulo, formado por Bispos. Lá fiz um relatório de atividades e saí antes do fim da reunião. Estava em casa quando me chamaram de novo à reunião para informar que fora escolhido por unanimidade para continuar. Terminado este mandato de 4 anos, estava em Lindoya quando o Aquino me informou do fato consumado que Dom Rossi havia prorrogado meu mandato. Assim, fui reitor quase 9 anos. Geraldo Ataliba me substituiu depois de uma luta muito grande de grupos. Meu filho Celso Antônio foi o vice-reitor, com prejuízo de sua vida profissional.

MORTE E VIDA SEVERINA

“Morte e Vida Severina” foi um movimento a que aderi, apesar das críticas a mim e acusações à peça de que seria comunista.

Entendo que a reivindicação social e crítica ao capitalismo quando justas não são comunistas mas dentro da Doutrina Social da Igreja. Vi a peça antes e concordei com suas críticas. Seu autor é representante do País, diplomata, que não foi excluído além de um dos maiores poetas modernos. Dom Rossi me procurou porque havia movimento dentro da Igreja contra a peça: levei-o à peça e o convenci que ela não era comunista. O Núncio, Dom Baggio, veio do Rio pelo mesmo motivo e foi favorável. A peça foi à Europa e ganhou o 1º lugar.

Devemos muito ao Tristão de Athayde, essa figura extraordinária de homem. Entusiasmado, jogou seu boné no palco do “Morte e Vida”.

A segunda tomada da Univ. em 68, eu não lembro bem. O Aquino me telefonou dizendo que os alunos tinham ocupado a PUC. “Se eles querem, pois entregue”, disse eu, não sem malícia, pois estávamos na véspera das férias. Comissões de alunos vieram à minha casa para que eu fizesse um movimento para retornar à Univ. “Vamos perder as férias”, disseram. Respondi que, se quissem, podiam devolver. O José Dirceu ficou meu amigo, escapou devido a meu depoimento de que ele não era comunista. A mocidade é assim mesmo. Ai dos moços que não são de esquerda: o moço de direita é um desastre...

A PUC SAI DA PRÉ-HISTÓRIA

Madre Cristina já deu muito trabalho. Sempre irrequieta apesar de serena ela pode ser encontrada onde houver opiniões ou movimentos que propõem algo novo. Eis seu balanço das várias fases do “Sedes Sapientiae”.

TRANSFORMAR A REALIDADE

Qualquer análise sobre o papel da Universidade, em primeiro lugar deve estar pautada em sua visão global.

No caso específico da PUC, sua relação com a Igreja era de transmitir a visão de mundo cristã ao invés de dar uma resposta exigida a partir da realidade histórica. A própria Igreja não se preocupava com a realidade. O papel da Universidade é ser perenemente subversivo e deve ser um centro de contestação dialética ininterrupta do saber. Desta forma toda a programação de uma Universidade deveria estar embasada no pressuposto de que ela é agente de transformação; isto não existiu na PUC. A criação da Universidade Católica, não foi uma necessidade efetiva da sociedade, mas a necessidade de uma Igreja sedente de transmitir os conhecimentos cristãos.

O nome PUC, foi um título pomposo dado a uma série de Faculdades agregadas que não perderam sua individualidade nem mudaram suas perspectivas. Portanto não houve uma revisão dos princípios ideológicos destas faculdades nem programas.

PONTIFÍCIA, A QUE VIESTE?

A designação Pontifícia, demonstra na prática uma vinculação mais estreita com o Vaticano, um título exclusivamente honorífico que teria maior peso na atuação política, a partir do conhecimento de seu significado, o que até hoje não ocorre. Se compararmos à USP na época da fundação da PUC, a USP estava melhor equipada, pelo ensino gratuito e pelo nível intelectual dos professores. Até o presente momento a PUC viveu a sua pré-história, ela está nascendo como Universidade. A partir da atual reitoria, percebe-se uma revisão dos pressupostos e o início da preocupação de se colocar criticamente. A Universidade está em mudança pelo seu contexto com a realidade. Esta mudança reflete a mudança da realidade e da própria Igreja. Ela está preocupada agora com o seu papel de transformadora através da criação de novas alternativas, de novas lideranças, da contestação dialética do saber e do seu contato direto com o povo através dos centros de atuação na periferia.

MENINAS RICAS

O Sedes foi a continuação do Colégio “Des Oiseaux”. Foi criado a serviço de uma determinada classe social, mas para a época, representou uma forma de renovação, sendo um primeiro instante da liberação da mulher, não mais ligada às “tarefas domésticas” e preocupada com a formação intelectual. Esta renovação tem seus limites na própria índole elitista do SEDES, pela clientela à qual se destinava.

No início havia dois grupos de professores que representavam a tendência conservadora e tendência liberal-progressista. Um terceiro grupo começava a se configurar, que se formou nos contatos com a realidade, principalmente na luta estudantil. Este terceiro grupo é o que lidera atualmente o novo SEDES.

VIA VENETO CABELEIREIROS

DESCONTOS DE 50% PARA AS ESTUDANTES

Rua Monte Alegre, 771
Perdizes
Fone: 263.9857

R. Martin Francisco, 449
Higienópolis
Fone: 67.0539

Rua Mercedes, 584
City Lapa
Fone: 261-1471

R. Dr. Veiga Filho, 778
Pacaembu
Fone: 825-4857